"PACIÊNCIA E RESIGNAÇÃO"

ALCIDA RITA RAMOS
Universidade de Brasília

Sentimos teoricamente que a Terra gira, mas na verdade não o notamos; o chão que pisamos parece que não se move, e a gente vive tranqüilo. O mesmo acontece com o Tempo na vida. E para fazer-nos ver como foge depressa, os romancistas não têm outro remédio senão acelerar freneticamente a marcha dos ponteiros e fazer com que o leitor franqueie dez, vinte ou trinta anos em dois minutos.

Marcel Proust (*À Sombra das Raparigas em Flor*, segundo volume de *Em Busca do Tempo Perdido*)

Corria o ano de 1960. Seis noviços de antropologia passavam seus dias de semana deglutindo clássicos no Museu Nacional do Rio de Janeiro sob a batuta de Roberto Cardoso de Oliveira. quase tão jovem quanto seus pupilos.

Pegando o Ita do Norte e indo pro Rio morar, Edson Diniz, discípulo de Eduardo Galvão no Museu Goeldi, empenhava-se em mostrar seus dotes cavalheirescos. Mais do que mentes, preferia conquistar corações, numa demonstração de ensaio e erro onde o segundo era quase tão freqüente quanto o primeiro.

Fazendo o estilo da musa Maísa, na trilha dos caminhos existenciais atormentados, Hortência Caminha cobria com ares de condescendência aqueles criançolas que a chamavam de colega. Residente em Niterói, Hortência exercitava sua fértil imaginação até mesmo durante a prosaica travessia da baía de Guanabara, trazendo para a turma do Museu incríveis histórias de naufrágios e suicídios durante a parca meia hora de navegação até a Praça XV. Entre uma poesia e outra, mantinha batalhas ferrenhas com

Anuário Antropológico/92
Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994

o inglês da prosa de Nadel, Marion Levy Jr. e outros autores do momento, vendo sangrar a cada texto a veia intelectual que expunha a céu aberto.

Roberto da Matta (anos mais tarde transubstanciado em DaMatta), ex-aspirante do CPOR e virtual ex *flâneur* da praia de Icaraí, agitava sua inquietação de neófito em constantes diatribes sobre algum texto que o empolgara, metralhando os ouvintes com longos e articulados discursos onde quer que estivesse, da barca da Cantareira à insalubre cantina do Museu.

A ingênua "de alminha branca", segundo Roberto Cardoso, que, quando se zangava, punha à mostra o que o mesmo Roberto chamava de gênio de cão, forjado pelo "cerne da Metrópole", eu passei aquele ano intimidada com o porte da antropologia e ofuscada com tantas luzes que pareciam emanar de todas aquelas cabeças.

Vinda de colégio de freiras, como sói ser, a coquete de Petrópolis, Onídia Benvenuti, estava mais interessada nas coisas boas da vida do que no gozo intelectual propiciado pela disciplina. Uma aparente individualista que acabou se mostrando grande amiga, Onídia sonhava com o príncipe encantado paranaense com o qual acabou casando, fazendo do sotaque curitibano seu fetiche pessoal e constante.

E tinha Roque Laraia: discreto, comedido, diplomático — não fosse ele mineiro de Pouso Alegre —, bom de contas e peça de equilíbrio naquela turma desassossegada. Sua maturidade não precisava ser alardeada. Estava lá, emanava de seus gestos, de suas falas e, principalmente, de seus silêncios. Se, existencialmente, Roque estava mais para o professor RCO do que para os colegas, do ponto de vista intelectual, tinha a modéstia de assumir o aprendizado antropológico pelo beabá explícito, como todos nós. Naqueles verdes anos, foi ele que construiu o potencial mais sólido para a carreira na antropologia.

Em junho daquele ano, fomos todos ao campo aprender a fazer pesquisa entre os índios Terena espalhados pelas cidades de Mato Grosso (hoje do Sul), numa rara oportunidade em que iniciandos aos segredos do trabalho de campo são diretamente acompanhados de professor e assistente. O interlúdio que essa escapada de dois meses representou foi o suficiente para revelar quem realmente fora talhado para o jogo antropológico. Entre somatizações de diversos tipos que atacaram uns tantos integrantes do grupo, inclusive o assistente (o finado Olmar Montenegro), Roque se sobressaiu como uma espécie de irmão mais velho, capaz de transmitir confiança aos

colegas através daquilo que ele veio a desenvolver de maneira exuberante: senso de humor. Em não raras situações embaraçosas que surgiram ao longo daquela excursão, o que mais me ficou na memória foi a sua postura, um misto de constrangimento e ironia, incapaz de delatar alguém, sempre pronto a promover conciliações. Mais marcante ainda é a sua capacidade, já bem desenvolvida naquela época, de transformar pequenos infortúnios em humor, o que dá uma apreciada leveza à convivência com ele, seja em contextos de trabalho ou de lazer.

Foi uma safra produtiva aquela de 1960. A primeira apresentação de Roberto Cardoso como solista criador de cursos de pós-graduação acabou sendo bem sucedida: dos seus seis alunos, quatro se transformaram em antropólogos profissionais; apenas Hortência e Onídia seguiram outros rumos.

De nós quatro, Roque Laraia foi o que mais desenvolveu o sentido institucional da profissão. Nem uma década se havia passado desde aquela experiência como bolsista do Instituto de Ciências Sociais e aluno do Museu Nacional e Roque já empreendia a não desprezível tarefa de montar, ou melhor, remontar o curso de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, depois que o regime militar desmoronara os sonhos de excelência de Darcy Ribeiro e Eduardo Galvão para a UnB. Já antropólogo dos quadros do Museu Nacional desde o início dos anos 60, Roque não hesitou em abrir mão de seu emprego e se lançar na aventura de brindar o Planalto Central com um núcleo de antropologia que viria a ser um dos melhores do país. Convidou primeiro Julio Cezar Melatti que veio para Brasília em 1969; depois, em 1972, Roberto Cardoso, que chegou no primeiro semestre, e Kenneth Taylor e eu, no segundo. Estava assegurada a massa crítica suficiente para implantar o curso de Mestrado na UnB. Em agosto de 1972, a primeira turma de alunos do Mestrado começava a cursar disciplinas, dentre eles, Carlos Brandão e Mariza Peirano, para mencionar apenas os que mais se projetaram no Brasil.

Se Roberto Cardoso desempenhou o papel de diretor dessa obra, Roque Laraia foi o seu produtor, o articulador-idealizador do projeto, peça-chave sem a qual não teria havido pós-graduação de antropologia em Brasília, ao menos como a conhecemos hoje. Com uma solidez de rocha, ele trouxe talentos que se conjugaram para formar o que viria a ser, em 1985, o DAN, Departamento de Antropologia da UnB, um dos mais respeitáveis do Brasil, cujo âmbito de ensino vai desde cursos de introdução à antropolo-

gia a nível de graduação, a seminários avançados do Doutorado. Como diretor do Instituto de Ciências Humanas da UnB, ele teve a extraordinária habilidade de fazer crescer em quantidade e qualidade o corpo docente do Departamento de Ciências Sociais — e não só de antropologia — em meio a uma conjuntura particularmente delicada, como foram os anos de regime militar. Crises chegaram e passaram e Roque Laraia, mesmo depois de se liberar do cargo de direção que consumiu sete anos de sua vida acadêmica, permaneceu fiel a seu compromisso com a UnB. Foi com alívio que seus colegas de departamento, tendo acompanhado o processo de sua aposentadoria e se emocionado com a cerimônia que o consagrou Professor Emérito da Universidade de Brasília, constatamos que ele continuaria entre nós tão ativo e solidário como antes. Temos orgulho de continuar a partilhar com ele o corredor, o cafezinho, trocando impressões, apreensões e chistes, ocasiões em que ele às vezes nos leva a rir até às lágrimas com suas estórias bem contadas e seu senso de humor capaz de reduzir tanto problemas quanto arrogâncias a suas dimensões reais. Ainda contamos com Roque Laraia.

* * *

> Você pintará o vinho, o amor, as mulheres, a glória, com a condição de que você não seja nem bêbado, nem amante, nem marido, nem soldado raso. Misturado à vida, vê-se mal.
>
> Gustave Flaubert (*Cartas Exemplares*)

Marcado, talvez, pela experiência escolar de 1960, em que todo o nosso aprendizado esteve dirigido a sociedades não-ocidentais, Roque, como eu, optou por dedicar suas pesquisas à etnologia indígena, escapando, assim, da armadilha apontada por Flaubert. Diferentemente de mulheres que estudam mulheres, homossexuais que estudam homossexuais, negros que estudam negros, músicos que estudam músicos, somos brancos estudando índios, sem nenhuma vocação para nos tornarmos nativos.

Mas, trabalhar com populações indígenas não é só viver cercado de alteridade por todos os lados, enfurnando-nos no mato, sorvendo idilicamente a rotina local. É também passar por duras provas, mais duras às vezes do que o próprio processo a que chamamos telegraficamente de choque cultural. É enfrentar a burocracia, a burrice, o antagonismo, o despreparo, a má vontade e a má fé de muitos brancos que se interpõem entre os índios e nós.

Não há pesquisa etnográfica que não tenha uma coleção de vicissitudes e percalços causados pela estrutura racista que infesta os espaços "civilizados" circundantes às áreas indígenas e provocados por pessoas que vêem seu poder local ameaçado pela presença incômoda do pesquisador. O próprio fato de alguém instruído, vindo de alguma cidade grande, dar atenção desmedida a índios já é motivo de ofensa para muito regional.

Junte-se a isso os recorrentes antagonismos oficiais para com etnólogos. Não passa década sem que SPI, FUNAI ou o que quer que venha depois desencadeie uma campanha surda ou explícita contra pesquisadores, e quem diz pesquisadores diz antropólogos. Talvez porque os etnólogos brasileiros tenham por hábito não se calar sobre desmandos oficiais ou clandestinos que observam, são eles a epítome dos pesquisadores problemáticos para o órgão tutor dos índios.

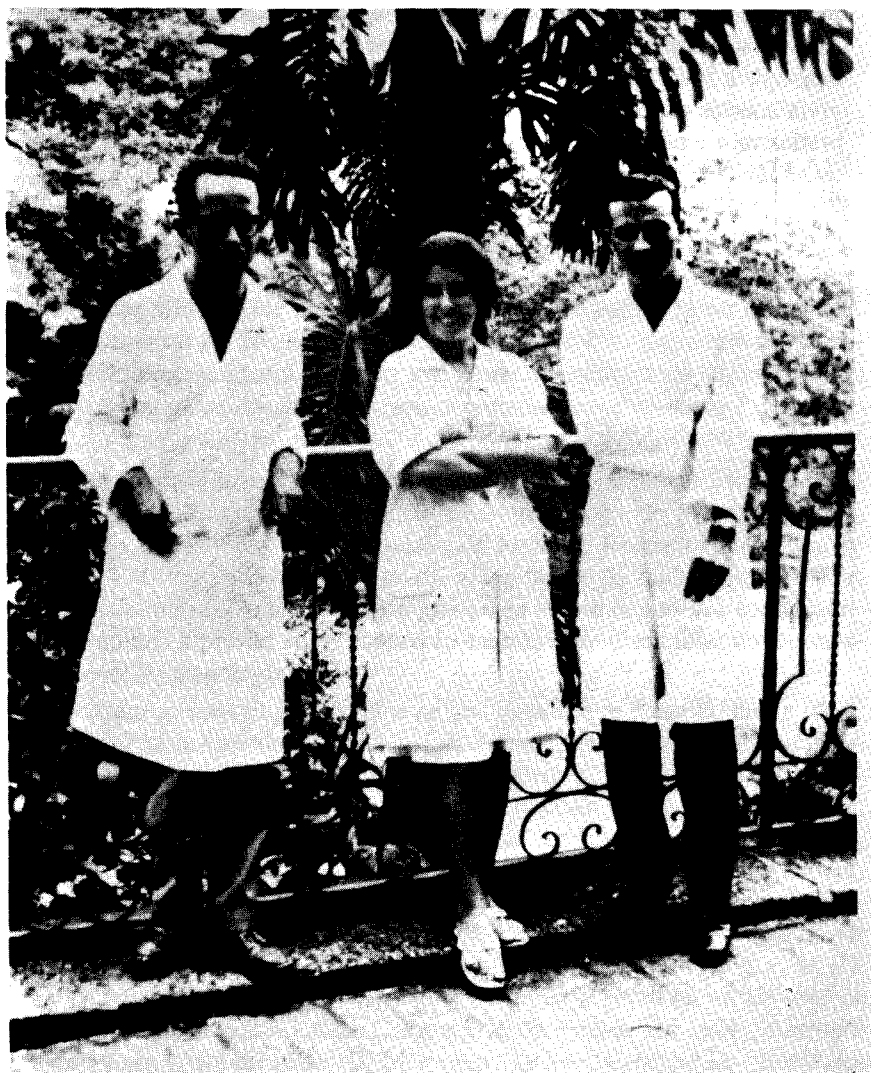
Não demorou muito para que a recém-criada FUNAI (que substituiu o SPI em 1968) caísse nos mesmos vícios de seu antecessor. Poucos anos depois de instalada, começava a apoquentar pesquisadores no campo ou proibir-lhes a entrada em áreas indígenas. Enquanto isso, Roque Laraia, que já no início dos anos 70 gozava de grande prestígio acadêmico, fora nomeado membro suplente, representando o CNPq, do Conselho Diretor da FUNAI que assessorava os primeiros — e ainda bem intencionados — presidentes do órgão; quando mais tarde esse Conselho já estava extinto, Roque foi nomeado membro titular do Conselho Indigenista do órgão. No *front* cada vez mais fechado do poder militar, também esse Conselho foi castrado, mas permaneceu vivo durante alguns anos, durante os quais Roque travava batalhas inglórias para persuadir os burocratas indigenistas que pesquisas sérias só podem reverter em benefício dos índios e que proibi-las nada mais era do que obscurantismo. Os representantes da ditadura na FUNAI não só fizeram ouvidos moucos, como dissolveram o Conselho e criaram um fosso, por vezes intransponível, entre o órgão "protetor" dos índios e as universidades. Éramos todos virtuais subversivos. Roque Laraia,

por dedicação à arte, continuou a expor-se nesse campo inimigo, ao participar enquanto foi possível dessa arena que lhe era totalmente hostil. O que se deve perguntar da atuação de Roque naquele contexto não é o que ele conseguiu fazer, mas o que ele conseguiu que não fosse feito. Muito pesquisador teria tido ainda mais problemas não fossem suas pouco alardeadas intervenções junto à cúpula da FUNAI.

Com esses elementos, o antagonismo ou a ineficácia federal e o preconceito local, o etnógrafo acaba por perder o senso crítico em condições adversas ao seu objetivo de dedicar-se a entender o outro. Exaspera-se, revolta-se e sente uma total impotência para combater os abusos. São abusos à sua liberdade de ação, mas são, sobretudo, abusos contra aquilo que ele mais preza, a integridade étnica do povo indígena de sua escolha. Em última instância, o etnógrafo acaba por "se misturar à vida", ainda que nas margens de seu trabalho de campo.

Quando ainda não havia FUNAI e o SPI já não existia, comecei minha pesquisa de campo entre os Sanumá, grupo Yanomami do norte de Roraima. Vinha dos Estados Unidos, como doutoranda da Universidade de Wisconsin, e havia adquirido alguns hábitos de primeiro mundo, como, por exemplo, esperar justiça e eficiência dos órgãos públicos. Naturalmente, tive que passar por uma ressocialização, ao enfrentar a morosidade e má fé de setores como a alfândega ou o Comando Aéreo da Amazônia em Belém do Pará. Apelei para o amigo Roque, que ainda estava no Museu Nacional e poderia providenciar algum tipo de respaldo institucional. Numa diatribe que já esqueci, mas que deve ter sido uma expressão bastante virulenta da minha frustração, expunha eu os problemas e pedia ajuda. Se esqueci a minha carta, ainda guardo na memória uma frase estratégica na resposta de Roque: "para fazer pesquisa com índio, é preciso paciência e resignação".

Que repercussões pode ter uma frase aparentemente tão singela? O que representa desenvolver essas capacidades? Representa tudo para o etnógrafo. Representa pôr de lado expectativas ocidentais de que tempo é algo que se deve economizar, de que o mundo inteiro deve apreciar seu heroismo e desprendimento em se embrenhar pelo mato em nome da ciência, representa uma aula magna de humildade e relativismo: o mundo é mais do que um vasto dispositivo para atender às suas vontades e necessidades.

Assim, antes mesmo de viver o choque cultural que me foi regiamente propiciado pelos Sanumá e seus vizinhos Maiongong, já eu havia sido despertada para a alteridade desconcertante, não só pelos entraves aduaneiros e

Roque Laraia, Alcida Ramos e Roberto da Matta
Museu Nacional, 1960

militares da Amazônia, pelo clima de hostilidade de Boa Vista ou pela futilidade do meu sentimento de urgência para chegar ao campo, coletar dados e sair com uma tese de doutorado na mão, mas, principalmente, pela lição que a frase lapidar de Roque me trouxe, no momento exato em que eu vivia aquelas experiências de enervante estranhamento. Pois, se em vez de praticarmos a paciência e a resignação, insistimos em nos precipitar e revoltar, é melhor escolhermos outra profissão.